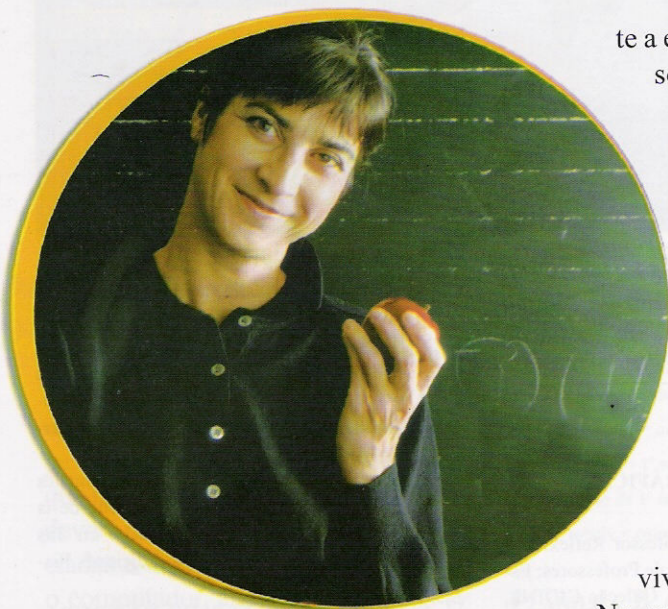


# "A FORMAÇÃO do EDUCADOR Reflexivo:

## Um olhar sobre a construção de sua prática pedagógica"

PAULO GOMES DE LIMA



### INTRODUÇÃO

A prática pedagógica é o termômetro que explica a realidade desenvolvida em sala de aula, revelando inequivocamente a relação de compromisso (ou sua falta) do educador para com seus alunos, do educador para com a educação. Notem que não usei a palavra "envolvimento", mas, "compromisso", pois, a primeira denota um relacionamento superficial, "um entregar-se pela metade", sem acreditar verdadeiramente em sua missão, em seus efeitos reais de transformação do homem e do mundo, "conformar-se pelo sentido da obrigação que a docência lhe acarreta". A segunda palavra, a qual pessoalmente tenho preferência, infere na ação concreta de "abraçar totalmen-

te a educação", "entregar-se à ela", não somente pelo sentido da obrigatoriedade da profissão ou pelo significado literal que a própria palavra compromisso traz implícita em si, mas vai além, estabelecendo uma perenidade que é a mola mestra de se pensar e viver a educação.

No momento histórico em que vivemos esta relação de compromisso do educador para com a profissão que abraçou está sendo ofuscada por uma crise de autoridade arrastando-o ao casuismo declarado, fazendo com que o educador perca a "esperança" no objeto de sua crença, a educação como processo de emancipação humana. Essa crise de autoridade está inserida numa dinâmica denominada "crise cultural" e esta, articulada a razões políticas e ideológicas, se manifesta quando o ideário que servia de referencial mostra-se inconsistente, inadequado aos problemas emersos que tange a realidade vivida<sup>1</sup>. E esse momento de "crises contextuais" gera no educador uma crise interna, uma crise que chamo de "crise de identidade". Esta crise de identidade, por um lado, dificulta os questionamentos elementares que devem dar suporte permanente à for-

mação reflexiva do educador como tal: "quem sou eu?" "qual é o meu compromisso para com a profissão que abracei?" "Em minha prática pedagógica estou servindo a quem?" Dentro do contexto de minha sala de aula estou desenvolvendo a parte que me corresponde, não sendo um 'passador de lição', mas um facilitador, um amigo de descobertas junto com os meus alunos?" "Estou eu construindo com os mesmos espaços democráticos que possibilitem a todos (professor e alunos) um crescimento multidimensional como indivíduos?" Mas, por outro lado, "pode" se tonar o espaço desvelador desta realidade, contribuindo para que as mudanças se dêem proximal e distalmente na prática cotidiana. Deste entendimento, a minha "resposta" às crises estará implícita no meu "fazer e pensar pedagógicos", o que redundará numa reversão paulatina e constante de minha prática pedagógica anterior. É esse momento dialógico (muitas vezes solitário) o cerne da formação reflexiva dos educadores que deve ser compartilhado coletivamente (reunindo todos os professores da escola que tenham o mesmo compromisso e "contagiando", por extensão aqueles que ainda não despertaram – aqui o momento deixa de ser solitário, se torna coletivo, se torna solidário).

Chamo a atenção, portanto, ao fato de que a ausência de postura frente às diversas crises que se "assenhoram" da educação e, por conseguinte, da formação do educador,



prejudica assombrosamente a prática pedagógica em todos os níveis de ensino, ficando obliterado o processo ensino-aprendizagem, de tal maneira que aquela se torna um fardo pesado no cotidiano escolar, que por sua vez produzirá frutos expressos pela indisciplina, pela falta de interesse discente e docente, pelo aproveitamento insatisfatório e indisposição generalizada. A inobservância dessa percepção é o "continuismo" de uma realidade apática, sem vida, sem esperança, sem perspectivas.

A finalidade deste artigo, longe de apresentar "receitas prontas" para a reversão total desse quadro frente às crises que mencionamos, é abrir a discussão sobre a importância da tomada de consciência no exercício da ação educativa, na recuperação da identidade do educador que, mais do que nunca "deve" comprometer-se com a educação, acreditar nela, mesmo quando todos os referenciais estejam ofuscados pelos descasos, inclusive, de "educadores" que ainda não se descobriram como tais, que ainda não foram despertados para esta necessidade. Como educadores devemos fazer significativa diferença em nossa própria vida e na vida de indivíduos que estão sob nossa responsabilidade. No entanto, devemos ter bem claro a importância da pedagogia da perseverança, da diferença que, como educadores reflexivos poderemos fazer na vida de um aluno, de uma escola, de um mundo adormecido. Discorreremos a seguir, acerca de alguns pontos que nos orientarão nessa discussão abrangendo 1) a formação do educador reflexivo; 2) obstáculos à prática do educador reflexivo; 3) a prática reflexiva como uma necessidade; 4) a reflexão da prática reflexiva; 5) pontos basilares da prática reflexiva e 6) a prática reflexiva no dia a dia do educador, seguidos de considerações finais, como um convite à prática reflexiva.

## **A FORMAÇÃO DO EDUCADOR REFLEXIVO**

A formação do educador reflexivo surge da própria necessidade

deste, rever, repensar sua prática pedagógica, questionar-se sobre as dimensões de seu próprio conhecimento e dispor-se a aprender dia-a-dia que a realidade em sala de aula é única e por isto demanda "olhares" específicos sobre sua totalidade, desta forma, requerendo do professor respostas originais aos desafios que vão sendo levantados em seu contexto e tantas respostas quanto forem os desafios, não algo dado como resposta pronta, mas como conhecimento construído "junto com", esta é a grande diferença.

---

***Na sua formação reflexiva, deve o educador esforçar-se por abrir e desenvolver constantemente vias de comunicação entre seus objetivos, seus limites, sua própria identidade (enquanto educador), o contexto escolar do qual faz parte, a realidade de sua sala de aula e a realidade de sua prática pedagógica, com o cuidado de não reduzir o seu "fazer pedagógico" a um processo técnico e mecânico, desconsiderando a complexidade presente do processo ensino-aprendizagem.***

---

O sentido desta comunicação centra-se no "desvelamento" da realidade, balizada pela análise da educação problematizadora, que é "um esforço permanente, através do qual

os homens vão percebendo<sup>2</sup> como estão sendo no mundo."

Além disso, a formação reflexiva do educador é orientada pelo processo de conscientização, cuja ênfase é o respeito pelo educando, pelo conhecimento que este traz e pela aquisição de outros conhecimentos que vão sendo construídos ao longo de sua vida escolar e extra-escolar. E isto exige uma postura ética e democrática do educador, postura que não admite a permissividade do *laisser-faire*, *laisser-passer*, mas dentro da autoridade e compromisso que lhe compete organizar sua aula, a sua ação pedagógica dentro da coerência entre o discurso e a prática, uma vez que as palavras explicam mas os exemplos atraem. Outrossim, o respeito pelo educando "não pode eximir o educador, enquanto autoridade<sup>3</sup>, de exercer o direito de ter o dever de estabelecer limites, de propor tarefas, de cobrar a execução das mesmas. Limites sem os quais as liberdades correm o risco de se perderem em licenciosidade, da mesma forma como, sem limites, a autoridade se extravía e vira autoritarismo."

Pelo que vimos até aqui, a formação do educador reflexivo é muito importante, não somente por restaurar a sua própria identidade como educador, mas também por enriquecer a prática pedagógica através da "... reflexão sobre sua própria experiência..." não refletindo a vivência de outrem, mas a sua, o seu mundo vivido<sup>4</sup>.

## **OBSTÁCULOS À PRÁTICA DO EDUCADOR REFLEXIVO**

Dentre os principais pontos que dificultam a prática do professor reflexivo, sucintamente, podemos enumerar cinco, a saber: a) as seqüelas da racionalidade técnica e mecânica irrefletida, b) a utilização de respostas "prontas" aos problemas cotidianos, c) a compreensão equivocada do que seja um professor reflexivo, d) a não perseverança na prática reflexiva e e) não discutir a prática reflexiva no espaço coletivo.



### **a) As seqüelas da racionalidade técnica e mecânica irrefletida**

Muitas vezes quer o professor construir uma relação dialógica com sua classe e se propõe “até” em criar espaços alternativos que o faça refletir sua prática, modificando-a, pois o nível de satisfação profissional que ela produz não é significativa, entretanto, tais tentativas são obstaculizadas pela insegurança da aplicação e convivência com o “novo” (pois o novo causa “impactos” e os impactos implicam reflexão crítica e mobilização no sentido de transformação ou superação de paradigmas anteriores); emergindo a arraigada prática técnica centrada ora em modelos teóricos, ora em “experiências de sucesso” de colegas ou ainda em relatos de experiências difundidos por literaturas científicas.

### **b) A utilização de respostas “prontas” aos problemas cotidianos**

A resposta estereotipada baseada na rotina, sem reflexão em profundidade, característica do senso comum, é tolhedora de oportunidades criativas na resolução de problemas, limitando o universo do professor e do aluno, enquanto seres criativos e empobrecendo a produção de conhecimento que poderia ser gerada a partir daquela situação. Nesta direção observamos que o cotidiano do professor é complexo e constitui uma sucessão de decisões que precisam, com equilíbrio e reflexão, ser administradas com justeza no momento certo. Desta forma, a realidade da sala de aula não está restrita a problemas específicos que podem ser explicados por uma única teoria objetiva e solucionados por estratégias e regras fixas; está muito além, pois esta realidade apresenta a relação professor-aluno baseada na subjetividade de uma interação social, cognitiva e afetiva, portanto, com um caráter divergente ou imprevisível<sup>5</sup>.

### **c) A compreensão equivocada do que seja um professor reflexivo**

Compreender a definição e a prática do professor reflexivo como

uma técnica, através da qual o educador pode tirar de um livro de receitas para sua ação ou simplesmente como uma receita a ser adaptada e aplicada a uma dada realidade é uma incongruência desmedida, desnordeando o real sentido da prática reflexiva. Outro equívoco muito comum é confundir a atitude reflexiva com a arbitrariedade do “tudo pode”, do “não estabelecimento de limites”, gerando, como vimos, um clima de licenciabilidade em sala de aula e externando um desmazelo fulcral e irresponsabilidade na organização da prática docente. Organizar a prática pedagógica sob o prisma da reflexão-na-ação, não é e jamais foi sinônimo de permissividade ou de reducionismo, mas, ao contrário, é otimizá-la, tornando-a dinâmica, criativa e agradável.

### **d) A não perseverança na prática reflexiva**

O entusiasmo com a prática reflexiva deve ser trabalhado pelo professor reflexivo de maneira constante, evitando que a falta ou decréscimo de perseverança o faça desanimar de sua prática, pois nem sempre ele poderá conseguir o aproveitamento esperado em determinada atividade ou situação problema. E isto porque o problema suscitado requererá uma prática reflexiva mais processual e quiçá precisando ser revista, portanto, não centrada no fator tempo, mas no amadurecimento desta mesma reflexão-da-e-na-ação. Conclui-se, portanto, que só tenho bom aproveitamento de minha prática quando acredito e persisto no meu objetivo, como pistas para emancipação minha e do outro.

### **e) Não discutir a prática reflexiva no espaço coletivo**

O ostracismo pedagógico dá-se quando o educador não compartilha sua experiência com a coletividade. Se esse “compartilhar” não for desenvolvido, a prática reflexiva ficará seriamente comprometida, uma vez que é horizontal: professor-alunos-professores-coordenação pedagógica, etc.

Este momento de “compartilhar reflexivo” é o espaço hábil para o apoio mútuo, para a troca de idéias, não no sentido de incentivar “adoções de experiências alheias”, mas até mesmo para o educador analisar como está se dando o andamento de sua prática.

## **A PRÁTICA REFLEXIVA COMO UMA NECESSIDADE**

A prática reflexiva deve ser uma necessidade na vida de todo educador, pois permite ao mesmo o desenvolvimento de sua percepção como um dos sujeitos do processo educativo vinculado não somente aos problemas sociais, econômicos e políticos dos nossos dias, mas de como estes problemas podem ser trabalhados no dia-a-dia de sua realidade educacional.

Esta formação, por conseguinte, deve estar aliada à solidez teórica e prática, ao mesmo tempo que permitindo a auto-inquirição permanente de como está se processando esta formação. Logo, esta necessidade deverá ser muito mais discutida, muito mais vivida pelos professores e pelos cursos de formação de professores, isto é, se estes realmente se comprometerem com a qualidade da educação e a educação de qualidade para o presente e o porvir.

A reflexão da própria prática deve caracterizar a vida e a necessidade deste professor em construção, professor que acredita que o ser humano é sobretudo humano e precisa crescer, criar, questionar, opinar e, por isso mesmo, a sua prática pedagógica deve estar alicerçada dentro desta razão.

## **A REFLEXÃO DA PRÁTICA REFLEXIVA**

Refletir a prática reflexiva não é medir o grau de sucesso ou de fracasso do processo, mas reavaliar meu compromisso com esta opção, por isto a reflexão da prática reflexiva requer este passo. Assim, na reflexão de sua prática o educador reflexivo deve questionar-se sempre.



A reflexão da prática pedagógica é um exercício de aprendizagem, de encontros e reencontros, de revisão, de repensar a prática de maneira criativa, inovadora, transformadora; enfim, é um momento de reexame de tomadas de decisão, tornando o fazer pedagógico enriquecedor, significativo, onde aluno e professor possam crescer como sujeitos sempre em formação.

## PONTOS BASILARES DA PRÁTICA REFLEXIVA

A prática reflexiva aproxima o educador de sua realidade, fornecendo-lhe o instrumental possibilitador, não só de mobilização de sua atividade didática do como ensinar, mas também, e principalmente, para tornar educador e aluno sujeitos ativos do processo educativo que se dá pela interação, pelo respeito, pela solidariedade, pela reflexão da prática pedagógica. Por isso:

1. Tal reflexão permitirá ao professor rever-se como profissional em construção e analisar como está se dando sua prática pedagógica e com isso, fazer as reformas necessárias para o crescimento conjunto, seu, de classe, de sua escola.

2. Nesta formação deverá o professor entender esse processo não como algo dado, acabado, mas como espaço oportunizador de aprendizagens vivas, dinâmicas para si e o outro.

3. O professor reflexivo, independentemente de como se processou sua graduação, deve procurar aperfeiçoar-se a cada dia, pois o conhecimento além de não ocupar espaço é a mola propulsora, geradora de sua reflexão-na-ação. Crescer dói, demanda esforço, demanda aplicação, demanda acreditar que a educação é uma prática libertadora.

4. No espaço da reflexão junto com seus pares, com os pais, com a coordenação pedagógica, enfim, com todos os envolvidos no processo educativo o professor obtém respaldo para trabalhar a sua realidade, isto

é, a dialogicidade lhe possibilitará pistas que lhe subsidiarão ricamente em sua prática pedagógica.

5. Trabalhar dissociado da realidade contextual do país, da escola e do educando é a postura do professor não comprometido verdadeiramente com o processo ensino-aprendizagem. Então a postura dialógica do professor reflexivo refletirá uma prática não estanque, não estranha ao mundo vivido.

## A PRÁTICA REFLEXIVA NO DIA A DIA DO EDUCADOR

A prática reflexiva deve estar presente no dia-a-dia do professor como algo sempre novo, dinâmico, em construção e como processo nunca unilateral, pois no seu enfoque multidimensional, o professor não apenas ensina a aprender, mas aprende a ensinar com os seus alunos, com outros professores, com as situações vivenciadas, discutidas, com perguntas e respostas advindas de situações problematizadoras diversas, enfim, aprende com a socialização dos saberes e tal disposição deve ser o ponto central de sua prática cotidiana. Portanto, o professor, como agente facilitador do processo ensino-aprendizagem, viabiliza o despertar dos sujeitos participantes deste processo, possibilitando através de sua prática, a efetuação de inovadoras leituras de mundo e contribuições significativas de vida para a vida.

## CONCLUSÃO

Partindo da análise e interpretação de sua própria realidade, a reflexão-na-ação, ou a prática reflexiva como a tratamos, é uma das ferramentas do professor, que pode ser trabalhada através de iniciativas, de diversas leituras da realidade, e através do questionamento constante do professor sobre sua própria prática, entre outros pontos.

A prática reflexiva não deve ser confundida com a licenciosidade, onde vale tudo, onde paira solta a

permissividade, ao contrário, ela é balizada por três níveis distintos de reflexões ou análise da realidade vivida: a) a técnica ( não com a ênfase mecanicista do fazer irrefletido), b) a prática e c) a crítica. O nível "a" está relacionado com as ações explicitadas (o fazer instrumental: fazer perguntas, andar em sala de aula, motivar a classe, desafiá-la etc.); o nível "b" corresponde ao planejamento e à reflexão sobre o que se vai realizar, por que, e concomitantemente é feita a inclusão da reflexão sobre o conhecimento da prática pedagógica de caráter didático e no nível "c" são feitas as considerações éticas, passando pelo crivo da própria prática, bem como das impressões e repercussões contextuais e também sobre os avanços, as possibilidades e os limites de ordem social, cultural, política e ideológica do sistema educativo.<sup>6</sup>

A formação do professor reflexivo, portanto, dá-se no espaço da busca, no espaço da educação partilhada e compartilhada, no espaço da solidariedade, onde sua prática segue esta tônica orientadora coerente com o seu compromisso abraçado.

---

*Paulo Gomes Lima - Mestrando em Educação pela UNICAMP, SP. Atualmente desenvolve uma pesquisa sobre "Tendências Paradigmáticas na Pesquisa Educacional" e trabalhos sobre a formação de professores.*

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. FURLANI, Lúcia Maria Teixeira. Autoridade do professor: meta, mito ou nada disso. São Paulo: Cortez, 1997.
2. MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.
3. FREIRE, Paulo. Política e educação. São Paulo: Cortez, 1997 - p. 39.
4. ZEICHNER, Kennet M. A formação reflexiva de professores: idéias e práticas. Lisboa: Educa, 1993 - p. 17.
5. ENRICONE, Délcia et. al. A formação continuada de professores numa prática de seminários reflexivos. In Educação, Porto Alegre, ano XXII, nº 38, 1999 - p. 89.
6. GARCIA, Carlos Marcelo. A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. In NÓVOA, Antonio (Org.) Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992 - p. 63.